



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Entrevista com Paulo Fontes

Interview with Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães¹

Eu diria que foi a história das pessoas, digamos, que me achou para eu fazer entrevistas e então me aproximar da história oral.

Desde 2018, Paulo Fontes é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual coordena o Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT/UFRJ)². Deu aulas também na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, onde colaborou com o CPDOC³ e se aproximou da história oral.

Fontes é doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez estágio doutoral na Universidade de Manchester, pós-doutorado na Humboldt-Universität Zu Berlin e no International Institute of Social History, além de ter sido professor visitante nas Universidades de Duke, Princeton e Harvard.

Sua produção é referência na História Social do Trabalho. É autor de livros importantes nesse campo, tais como *Migration and the Making of Industrial São Paulo* (2016) e *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)* (2008).

Em seu consagrado livro *Um Nordeste em São Paulo* (ganhador do Prêmio Thomas Skidmore), ele parte das trajetórias migrantes para traçar a história da região do bairro de São Miguel Paulista. Trata-se de uma obra em que as narrativas permitem a compreensão de dimensões que vão além das estruturas objetivas. Nela, são abordadas as relações entre redes sociais e movimentos migratórios, redes de solidariedade e identidade entre migrantes, a agência migrante, bem como a atuação política dos migrantes nas diversas esferas do trabalho e do cotidiano.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória da Universidade de São Paulo. ORCID: [0000-0002-6817-4192](https://orcid.org/0000-0002-6817-4192) - E-mail: ybmagalhaes@usp.br.

² Para saber mais, acesse: [Laboratório de Estudos de História dos Mundos Paulo. alho \(lehmt.org\)](http://Laboratório.de.Estudos.de.História.dos.Mundos.Paulo.alho.lehmt.org).

³ Centro de Pesquisas e Documentação/FGV. Mais detalhes em: [Página Inicial | FGV CPDOC](#).



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Quando trabalhava no Sindicato dos Químicos de São Paulo, localizado no bairro paulistano de São Miguel Paulista - considerado por muitos como a Bahia em São Paulo -, Paulo Fontes se interessou pela realidade dos trabalhadores migrantes. Não por acaso, ele é filho de pai sergipano e de mãe baiana. Essa origem familiar é citada na entrevista como um fator de aproximação com seus entrevistados. Sua aproximação com a história oral se deu pelas histórias de pessoas, desde antes de entrar no mestrado.

Tendo ligação com importantes centros brasileiros de produção intelectual do campo do trabalho (como o GT Mundos do Trabalho da Anpuh e o grupo de História Social do Trabalho da UNICAMP), sua produção foi inspirada por autores como Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm e pelos estudos brasileiros no campo do trabalho, com destaque para as leituras de Sidney Chalhoub, Edgar de Decca e Ângela de Castro Gomes.

Nesta entrevista, Paulo explora aspectos de sua formação com o uso de entrevistas e descreve seu processo de encontro com as narrativas. Muito intuitivo no início, esse processo evoluiu para sua formação propriamente metodológica, a partir do doutorado, principalmente em função de leituras nos estudos das migrações e, mais para frente, pelo seu trabalho junto ao CPDOC da FGV⁴.

Além disso, nesta entrevista, Paulo faz uma reflexão sobre a importância de autores saxões e italianos que aproximaram a história oral da História Social do Trabalho, nos anos 1970. Foram os casos de Raphael Samuel, Alessandro Portelli, Daniel James e Paul Thompson, que influenciaram seu trabalho com narrativas, especialmente nas reflexões sobre memória e silenciamentos. No caso brasileiro, essa aproximação só veio a ocorrer a partir dos anos 1990. Neste texto, Paulo também aborda os aspectos técnicos do seu trabalho com história oral e ilustra o seu processo de formação de alunos e orientandos com o uso de entrevistas, além de falar sobre a importância do método para os estudos migratórios.

A leitura desta entrevista é uma oportunidade de entendermos trajetórias de formação de pesquisadores com a história oral. A experiência de Paulo Fontes com

⁴ Centro de Pesquisa e Documentação da Faculdade Getúlio Vargas. [Página Inicial | FGV CPDOC](#).



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

entrevistas no campo da História Social do Trabalho poderá ensinar e inspirar pesquisadores que busquem trabalhar com esse método em seus estudos.

Entrevista

Valéria. Hoje é dia 5 de agosto de 2019. Estou entrevistando o professor Paulo Ribeiro Fontes, da UFRJ, no Rio de Janeiro. Paulo, como você aprendeu a fazer entrevistas no seu trabalho acadêmico? Conte a sua história com as entrevistas.

Paulo. É uma história não muito planejada. Durante um tempo, muito intuitiva porque eu trabalhava no Sindicato dos Químicos de São Paulo, na área de formação sindical.

Depois da faculdade, fui trabalhar no Instituto Cajamar. Em meados dos anos 90, eu trabalhava no Sindicato dos Químicos de São Paulo e, em um dado período, passei no mestrado na Unicamp. Na verdade, eu estava um pouco perdido em relação ao tema, exatamente o que estudar, estava meio sem rumo. Lá no sindicato tinha um negócio que era legal, tinha uma associação de aposentados e, toda sexta-feira, tinha um bar que eu gostava de ficar com as pessoas. Esses aposentados eram incríveis, eles contavam muitas histórias. Aos poucos, fui percebendo que eles tinham algumas coisas em comum: quase todos eram de São Miguel Paulista, eram nordestinos, tinham trabalhado na Nitro Química e grande parte deles tinha tido uma militância sindical no pré-64, muitos ex-comunistas. Fui vendo que tinha uma história muito rica ali no entorno da Nitro Química, muito interessante.

Eu diria que foi assim que comecei a me aproximar da história oral: primeiro me aproximando da história que as pessoas contavam sem imaginar que era história oral. Era no bar... Eu tinha curiosidade, perguntava e eles iam me contando. Na época, eu era jovem, não tinha um vínculo com a pesquisa. Por estar na UNICAMP e em busca de um tema, fui realizando que ali eu tinha um baita de um tema que não ainda tinham escrito. Com isso, acabei formalizando uma pesquisa.

Fui começando a ler e acabei formalizando um projeto de pesquisa sobre a história dos trabalhadores da Nitro Química. Aí, claro que a história oral apareceu como um tipo de



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

fonte e de metodologia que era fundamental. Afinal de contas, essa coisa já havia começado pelas histórias que as pessoas tinham me contado, então o trabalho que acabou sendo de mestrado não foi só de história oral. Aliás, meus trabalhos nunca foram só de história oral, mas as entrevistas com esses trabalhadores acabaram sendo o fio condutor inclusive para eu achar outras fontes, para eu pesquisar outras coisas. Foi nesse momento que comecei a ler mais sobre história oral, a tentar um pouco me capacitar. Eu diria que foi a história das pessoas, digamos, que me achou para eu fazer entrevista e me aproximar da história oral.

Valéria. Essa aproximação com a história oral veio por meio do quê, do seu orientador, de suas leituras? Que tipo de leitura você fez naquela época, que talvez faça hoje, que tinha a ver com essa sua formação?

Paulo. Não lembro exatamente as coisas que meu orientador, o Michael Hall, me indicou, mas certamente ele teve algum papel porque era uma pessoa que eu ouvia muito. Como eu disse, acho que teve uma coisa muito intuitiva e eu não esperei ler teoricamente sobre história oral para ir fazer as entrevistas, eu tinha acesso às pessoas, então a rede já estava formada. Tinha o fato de eu trabalhar no sindicato, isso me aproximava das pessoas porque elas sabiam quem eu era, isso facilitou a montagem da rede.

Aí eu comecei a entrevistar. Nas entrevistas, acho que eu tenho uma coisa pessoal, meio intuitiva de gostar e saber ouvir. Apesar de eu não ter lido nada, acho que tinha uma certa propensão minha para gostar de ouvir as histórias e isso facilitou em um primeiro momento, mas eu sentia que era pouco, me sentia inseguro, acho que foi nesse momento que fui procurar bibliografia.

Na época, foram as coisas que tinha no Brasil nos anos 1990, acho que já tinha o Manual da Verena Alberti (2005). Eu tinha sido aluno do professor José Carlos Sebe Bom Meihy, sabia que ele mexia com isso, mas para ser sincero eu não gostava muito. Apesar de ter essas coisas todas, confesso que foram boas para me dar segurança, mas não sei se necessariamente foram tão úteis de fato. Essas leituras que estou falando foram boas



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

porque eu falei: “bem, eu estou ancorado”, mas falando do ponto de vista de hoje, as entrevistas que fiz lendo, antes de ler e depois de ler não foram espetacularmente diferentes. Acho que teve outras leituras, um pouco mais tarde no trabalho do doutorado, que me influenciaram muito, mas nesse momento era mais essa espécie de manual que esses pesquisadores davam. Acho que também um pouco os meus colegas, outras pessoas que também estavam em uma agenda de fazer entrevistas, isso na prática contava muito mais.

A gente tinha um grupo mais ou menos da mesma geração, que se tornou depois mais ou menos conhecido e que hoje são todos professores, de historiadores sociais do trabalho da UNICAMP que partilhavam dessa agenda de pesquisa sobre história social dos trabalhadores do pós-1945. Para nós, a questão da história oral estava dada porque a gente tinha acesso às pessoas. Eram os anos 1990, as pessoas estavam velhinhas e a gente tinha a possibilidade de ter acesso a elas, coisa que os pesquisadores de uma periodização anterior não tinham. Então, todos nós, de uma certa forma, travamos contato com essa coisa da entrevista e trocamos muita figurinha a respeito, muita ideia: “funciona, não funciona”. Acho que isso teve um papel importante, isto é, essa rede de pesquisadores que mais ou menos intuitivamente estavam tendo que se defrontar com essa questão.

Nesse período que eu estou falando, meados dos anos 90, eu diria que as leituras me influenciaram pouco, sendo sincero. Acho que a prática era um negócio que: “tem a chance de entrevistar fulano”, “vou lá entrevistar, não vou esperar ler”, até porque a gente estava entrevistando pessoas idosas. Apesar da rede minha ser relativamente fácil, ela foi se ampliando porque essas pessoas foram indicando outras, comecei a ir pro bairro. A chance que você tinha de entrevistar era aquela, você não tinha a pessoa obviamente à sua disposição.

Nesse momento, acho que foi isso. Depois, já no doutorado, quando se amplia muito meu leque de entrevistados e a história oral assume uma discussão mais forte especialmente na questão da migração (mais no meu outro livro *Um Nordeste em São Paulo*, que é originalmente minha tese de doutorado), aí sim, já tive que me defrontar com questões



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

teóricas e metodológicas que me influenciaram mais e, não sei se eu falar uma coisa correta, mas me ajudaram mais na análise do que exatamente na realização das entrevistas.

Continuo achando que fazer entrevista é uma coisa de muito bom senso e sensibilidade. Analisar já é uma outra coisa, aí você precisa ter um outro instrumental, mas a realização das entrevistas é você ter muito respeito pelas pessoas que está ouvindo, ter disposição de ouvir. Claro que tem uma certa sagacidade de tentar tirar das pessoas aquilo que às vezes nem elas pensaram, acho que tem essa coisa toda do emocional.

Nessas entrevistas do doutorado, que se ampliaram para além de sindicato, foram para o bairro, para a questão da migração, teve outras coisas que me ajudaram. Por exemplo, essa rede montada pela Associação dos Aposentados, que continuou me ajudando muito. Ela era meu ponto de partida sempre, tinha a sede de sindicato em São Miguel, era também uma coisa de logística, tinha um lugar que eu podia ficar, eles me ajudavam a achar outras pessoas. Claro que tinha uma limitação que era a questão da Nitro Química, do sindicato. Em geral, eram pessoas que estavam em algum tipo de militância social, em geral era uma rede mais masculina. Tinha limitações que, como meu tema se ampliou, precisei sair para além dessa rede. As igrejas foram uma rede importante para mim, eu também entrei em contato com a Igreja Batista, a Associação de Moradores. De toda forma, era a rede de sindicatos que me ajudava a chegar nessas pessoas.

Um fato que só percebi algum tempo depois, que foi de eu ser filho de nordestino, isso sempre aparecia na entrevista porque às vezes perguntavam quem eu era. Então ia falando, contando um pouco da minha história. Isso ajudou muito em uma certa aproximação, um certo compartilhar de universos mentais mais amplos. Mesmo não sendo nordestino, determinadas coisas eu entendia lembrando do meu próprio pai, da minha mãe. Havia determinadas coisas que me capacitavam, me aproximavam, acho que isso era muito percebido pelos meus depoentes, que são sempre pessoas muito inteligentes e sagazes. O pesquisador acha que sabe das coisas, mas quem sabe mais é o depoente. Isso ajudou nessa montagem desta rede ampla que eu consegui no doutorado, quase cinquenta pessoas, é um número grande.



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Do ponto de vista da entrevista em si, continuo dizendo o que eu disse agora pouco: é claro que as leituras sempre davam alguma dica, sempre tinha uma coisa que eu incorporava. Às vezes, até coisa que intuitivamente eu já fazia, aí realizava que tinha uma discussão. Para a análise algumas leituras funcionaram bem.

Tive a oportunidade de passar um ano e meio fazendo um doutorado sanduíche na Universidade de Manchester. Lá, entrei em contato mais formalmente com uma literatura de história oral, os italianos, então a Luiza Passerini, o Alessandro Portelli, que são muito conhecidos no Brasil hoje e naquela época estavam começando a ser. E outros: Alistair Thompson, que é um cara australiano que também mexe com migração. Tinha um livro da Routledge que para mim foi importante, *The Oral History Reader* (Perks & Thomson, 1998), um livro grossão que eu comprei e que uso até hoje. Ele faz uma espécie de compilação da história da história oral no mundo anglo-saxão, mas abrindo para os italianos, que foram muito influentes lá. Como meu tema era História e continua sendo história social do trabalho, foi legal para perceber como tem uma conexão importante.

Fazendo um parênteses rapidinho: a Ângela de Cássio Gomes está organizando um livro sobre história oral pela Letra e Voz e ela me convidou para fazer um texto sobre história oral do trabalho (Fontes, 2020). Acabei de entregar, então esta entrevista está sendo em uma boa hora porque estou com as coisas na cabeça. Fiz um raciocínio que é interessante, modéstia à parte: no mundo anglo-saxão, em particular (mas não só, na Itália também), a história oral e a história do trabalho nasceram muito próximas. A história oral dos anos 1970 nasce muito próxima da nova história social do trabalho porque tinha a ver com o projeto político. Não só o trabalho, mas a questão dos subalternizados em geral, a história das mulheres, dos afrodescendentes. Estou falando lá atrás, anos 1960 e 1970, essa história oral que está emergindo lá: *History Workshop*, Raphael Samuel, mesmo o Paul Thompson, essa galera toda, está muito próxima dessa agenda, historiograficamente e politicamente falando. Lá, muitos historiadores do trabalho estavam sendo muito céticos em relação à história oral, como o Hobsbawm, por exemplo, um autor que é famosamente cético à história oral. Mesmo tendo este ceticismo, há uma aproximação, e parte do ceticismo tinha razão de ser. De fato, tinha



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

uma espécie de populismo historiográfico, uma certa ingenuidade dessa ideia de recuperar a voz dos oprimidos, dar voz a elas, uma certa coisa dos vencidos, tinha a ver com aquele período.

Historicamente, essa conexão foi muito forte, mas no Brasil não foi assim. No Brasil, a história oral entra, muito paradoxalmente em relação a essa experiência anglo-saxã, pela história das elites. O CPDOC é o exemplo mais emblemático disso, da história das elites políticas e econômicas. Tinha a ver com o fato da gente estar na Ditadura mesmo, eu trabalhei no CPDOC, eu sei. Se mesmo para esses caras da elite era uma coisa difícil falar naquele momento, quiçá para os caras dos setores populares, que já têm uma dificuldade maior para “ter voz”! Tinha a ver com isso, mas também com o fato de que a História do Trabalho que emergiu no Brasil no final dos anos 1970, cronologicamente se voltou muito para a Primeira República. Isso já criava, mesmo àquela altura, uma certa dificuldade. Do ponto de vista de fontes, muito para fontes impressas, jornais, porque tinha a ver com o arquivo de Edgard Leuenroth, no caso da UNICAMP, que era um baita de um arquivo maravilhoso, cheio de jornal, cheio de coisas que as pessoas vão explorar.

Valéria. E as pessoas que não estavam mais vivas também...

Paulo. E as pessoas que não estavam mais vivas, mesmo que àquela altura ainda estivessem no final dos 1970, mas já não estavam. Tinha todo um contexto de ceticismo desses historiadores. Tudo isso junto e combinado. No caso do Brasil, acho que o ceticismo também vinha junto com o fato de que quem fazia história oral, fazia das elites políticas. Isso tudo junto e misturado fez com que, no caso brasileiro, a aproximação com a história oral do campo que eu estudo, que é o campo da História Social, fosse mais tardia em contraste com o mundo anglo-saxão. Acho que vai ser nos anos 1990 mesmo (até é o termo que uso no artigo) que esse casamento vai acontecer de uma maneira mais consistente, mas é claro que muita gente já usou a história oral antes. Sou dessa geração que entrou nisso, por isso que falei que tem esse grupo de pessoas.



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Quando vou para Manchester, voltando então ao fio da meada, é claro que essa literatura que eu falei de Raphael Samuel, Paul Thompson, todos esses caras, me despertou o interesse.

Valéria. Eles já estavam fazendo isso?

Paulo. Porque eles já estavam fazendo isso, exato. E os italianos me despertaram interesse porque trouxeram uma sofisticação maior, toda a discussão de memória, de silenciamentos, que eram discussões que também cabiam na minha análise.

Valéria. Então, teve esses pesquisadores que te influenciaram em Manchester e que já estavam usando entrevistas de história oral na História Social, aí você trouxe isso para o seu trabalho. Você teria sido um dos primeiros a usar a história oral com esse enfoque, nos anos 1990? Lembra de outras pessoas aqui no Brasil que já tinham feito isso?

Paulo. Não sei, dá meio vergonha de dizer (risos)... Acho que realmente estou entre as primeiras pessoas, não vou saber direito. Tem um outro caminho que eu não falei que é importante, que diz respeito aos antropólogos. Eles faziam coisas que os historiadores só começaram a fazer em um determinado momento, mas eles já faziam muito antes. Por exemplo, o José Sérgio Leite Lopes, do Museu Nacional, me influenciou muito no jeito como ele analisava as entrevistas, como ele colocava as entrevistas no trabalho. Eu via afinidades eletivas entre o que eu fazia e essa produção. No campo da História Social dá para dizer que estou entre os primeiros talvez, junto com outras pessoas. Na História Política e em outros subcampos, foi muito antes o uso de entrevistas, é uma coisa muito antiga. O que posso dizer é que a tentativa de uma análise sistemática, tentando fazer algum diálogo com essa produção de história oral no campo da História Social, mais particularmente na esfera social do trabalho, acho que aí sim, me colocarei entre algumas das primeiras pessoas que estavam sistematizando isso. De resto, acho que não, seria pretensioso dizer.



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Tem um outro autor que é muito importante também, que é o Daniel James. Ele é muito importante para o nosso campo, muito importante para mim porque era uma pessoa que eu tinha contato pessoal, toda análise dele sobre a Dona Maria (James, 2000), sobre Berisso... Então, é um autor que acabou sendo muito influente nessa discussão de história oral e alguém que está dialogando com essa produção também. Tudo isso junto e misturado foi, digamos, o meu caminho na história oral.

Valéria. Paulo, a gente pode pensar agora nos aspectos técnicos. O que mudou na sua trajetória usando entrevistas, conhecendo o que você conhece hoje?

Paulo. Olha, eu sou do tempo da fita cassete, né? (risos) No início, eu era muito assistemático, tinha a ver com essa coisa meio intuitiva que eu falei inicialmente.

Valéria. Você gravava?

Paulo. Sempre gravei, mas a preocupação maior era com o que eu ia tirar da entrevista para a minha tese e menos com a entrevista em si, naquele momento. Eu não conhecia o termo na época, mas minhas entrevistas sempre foram semiestruturadas, intuitivamente. E sempre foram histórias de vida, mesmo quando eu estava interessado em determinadas coisas. Mas isso foi sempre muito intuitivo, acho que tem a ver com o fato de eu querer ouvir as histórias das pessoas antes de tudo, mesmo quando eu tinha um interesse (digamos) utilitário de que aquilo servisse para minha tese.

Valéria. Você fazia perguntas?

Paulo. Eu ia com temas, tinha meus tópicos que eu levava. Mesmo depois, sempre foi assim, um método próprio que não é só meu, é óbvio. Eu tinha tópicos, tinha sempre algumas coisas que eu tinha mais interesse, algo que fiz muito e que nem sei se é correto do ponto de vista dos manuais... Apesar de, hoje em dia, eu ter toda a consciência de que



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

a história oral não é para cobrir buracos, que ela tem uma discussão sobre a memória e etc, muitas vezes para o pesquisador ela é a única forma de acesso a determinado tipo de informação, então, desprezar isso eu acho que é um equívoco e é também uma certa presunção. Era comum nas minhas entrevistas, especialmente no mestrado e também no doutorado, eu ter uma lista de nomes de pessoas que eu perguntava: “você conhece fulano? Conhece sicrano?” Ou de informações que eu pedia: “professor, o senhor lembra de tal...” De coisas muito específicas, porque eu queria ver se achava mais algumas informações que eu precisava, que eram de fato lacunas, mas isso só acontecia depois que a entrevista acabava. Essa lista de questões de lacunas que eu corria atrás, era meio que o meu fim. É engraçado eu estar lembrando disso agora...

As entrevistas eram sempre gravadas, mesmo sem eu saber o nome, eram semiestruturadas. Elas tinham uma sequência de temas, portanto eram entrevistas de histórias de vida com alguns temas que eu enfatizava mais, que eram os que me interessavam. Isso deu, felizmente e sem eu saber, uma riqueza muito grande para o conjunto de entrevistas que acumulei ao longo do tempo.

Valéria. Você sempre transcrevia?

Paulo. Não, eu ia falar disso. Não era eu que sempre transcrevia. Nos bons tempos da Fapesp, eu tinha a bolsa e a reserva técnica. Então, usava o dinheiro da reserva técnica em grande medida para a transcrição, mas eu sempre checava. Quando você entrevista pessoas, se depois vai ler, lembra na hora e fala: “mas não foi exatamente isso”. Depois que eu percebi que tinha algumas trocas, algumas coisas, comecei a checar mais sistematicamente, mas eu quase nunca fiz a transcrição na época do mestrado e do doutorado, graças a Fapesp. O armazenamento das fitas era na minha casa, até quando acabei o doutorado que doei, um tempo depois, para a Biblioteca Pública de São Miguel.

Valéria. Elas estão lá então?



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Paulo. Quando fui trabalhar no CPDOC, tive a oportunidade de usar a estrutura para digitalizá-las, então fui lá em São Miguel, peguei as fitas, trouxe, digitalizei e doei para eles as digitalizadas. Elas estão comigo, nem deviam estar, eu devia ter doado de novo, mas foi uma dificuldade porque passei a morar no Rio.

Coisas que eu digo que eram assistemáticas e que, obviamente, eu faria diferente hoje... O que mudou? Uma coisa que mudou fundamentalmente foi trabalhar no CPDOC. Fui trabalhar em um lugar que é o centro que faz história oral, que tem uma preocupação muito grande com o artefato, com o meio e com a coisa física também. Para mim, tudo o que era meio intuitivo e a minha preocupação era menor, quando eu vou para o CPDOC, se torna uma preocupação mais saliente, maior, porque o via todo o método, todo o cuidado. Aprendi também como isso é importante. Por exemplo, nunca fiz termos de cessão. Obviamente que hoje eu não faço entrevistas sem termo de cessão. Raramente retornei entrevistas para os entrevistados, o produto, eles todos tiveram depois: o livro.

Virei um cara meio famosinho em São Miguel (risos), querido por eles porque tinha esse aspecto que eu acho importante, que eu não falei antes, que é da autoestima e da dignidade que a história oral muitas vezes dá para as pessoas, especialmente com um grupo de pessoas que são subalternizadas na sociedade. O fato de você ter um pesquisador que está interessado pela vida das pessoas, por coisas que em geral ninguém está, é algo que cria um tipo de relação muito importante. As pessoas às vezes não se dão conta da importância que isso tem. Acho que, por várias características minhas como pesquisador, mas também como cidadão, o fato de eu ter trabalhado no sindicato e ser filho de nordestinos, teve um conjunto de coisas que me fez querido por aquele grupo, especialmente esses da Associação de Aposentados, mas não só. Portanto, eu sentia que a história oral era um fator de dignificação, de um certo empoderamento (não gosto muito dessa palavra, mas enfim), de uma certa autoestima para esses depoentes.

Na época, eu já tinha consciência disso, mas acho que hoje eu teria mais consciência em relação ao meio, à entrevista em si, como guardá-la, etc. Mandar para a biblioteca foi uma ação minha do ponto de vista: “isso tem que ser publicizado, não é meu, não deve ficar



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

guardado comigo”. Até porque fui financiado sempre pela FAPESP, estudei em universidade pública, então tenho muita consciência do aspecto público do meu trabalho, mas hoje eu tomaria muito mais cuidado do desse ponto de vista técnico, do que vinte anos atrás.

Valéria. Uma consequência da sua formação no CPDOC?

Paulo. Sim, com certeza foi uma consequência do CPDOC.

Valéria. Gostaria de perguntar se as novas exigências de comitês de ética para trabalhos em Ciências Humanas estão afetando o seu trabalho e de seus orientandos com história oral.

Paulo. Potencialmente sim, na prática ainda não. Potencialmente, estou mais ou menos ciente. Eu trabalhava na FGV antes e tinha o comitê de ética que começou a colocar questões. Na UFRJ também tem, mas do ponto de vista prático ainda nada afetou e, de certa forma, a gente continua fazendo as coisas mais ou menos como fazia antes, já com esses cuidados pós-CPDOC, do ponto de vista do termo de cessão.

Uma coisa que eu estava falando antes, se eu puder acrescentar, que tem a ver com essa ideia da dignidade. Esse é um dos meus dilemas, às vezes, uma das minhas questões com trabalhos que não citam os nomes das pessoas. Entendo que, em determinadas circunstâncias, isso é uma necessidade. Não tem uma regra de ouro que tem que ser assim ou assado, mas, no meu caso, era tão evidente que esses homens tinham que aparecer, que para mim a questão nem apareceu, a não ser depois, quando alguém me perguntou. Para mim foi um espanto a pessoa perguntar sobre isso porque era evidente que os nomes das pessoas tinham que estar ali e o nome completo e o dia que teve a entrevista. Tudo pertencia a eles, para mim era absolutamente evidente, mas é óbvio que eu compreendo que é uma circunstância muito particular. Provavelmente, trabalhos em situação de maior risco, seja qual for, existem outros tipos de cuidado. Em geral, em



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

trabalhos como o que eu fiz, é o que eu digo para os meus alunos: o nome, sobrenome, apelido e tudo tem que estar. Claro que com a autorização do depoente, mas para eles essa questão nem está colocada, é óbvio que é o nome deles! Enfim, queria acrescentar isso porque tem a ver com a questão da autoestima e da dignidade.

Valéria. Paulo, Como você analisa entrevistas? Você pode também falar da formação dos seus alunos?

Paulo. Olha, varia muito e vem variando no tempo. Na época do mestrado e do doutorado, eu tinha um conjunto muito expressivo de entrevistas e eu estava muitas vezes preocupado com regularidades. Para mim, analisá-las em bloco, apesar das singularidades que sempre apareciam, era uma coisa importante, então eu tentava criar grandes tópicos, grandes temas que apareciam no conjuntos das entrevistas e como eles apareciam, eu tinha um método próprio que não aconselho a ninguém, é meu, serviu para mim. Eu tinha um grande quadro com tópicos e com o nome das pessoas. Agora, óbvio que também estava interessado em algumas singularidades. Tentei, e acho que fui relativamente bem sucedido, combinar um pouco essas regularidades com as singularidades no trabalho, mas no mestrado e no doutorado nunca houve uma análise específica de uma entrevista que fui a fundo e percebi todas as questões da memória do esquecimento. Essas questões apareceram no trabalho mais no atacado do que no varejo, para usar uma expressão que não sei se é adequada, mas uma analogia.

De lá para cá, já tive a oportunidade de fazer outros tipos de análise, inclusive análise aprofundada de uma entrevista só. Aí é outra coisa, é um percurso diferente de análise. Não acho que tenha uma regra. Muitos autores tendem a querer privilegiar análises específicas de uma entrevista porque ela que te permitiria entender os meandros da memória, acho isso contestável. Acho que é possível você trabalhar com um conjunto grande porque foi o que eu fiz e acho que fiz relativamente bem e outros autores também fizeram, não sou só eu. Você pode trabalhar com um conjunto relativamente grande de entrevistas e analisá-las no conjunto e ter o mesmo rigor metodológico, analítico, que



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

uma análise de uma entrevista apenas. O que muda, claro, é a narrativa, mudam determinadas densidades. É óbvio que, para determinados tipos de densidade, de aprofundamento, você pegar uma entrevista e escarafunchá-la, funciona melhor, mas acho que essa dialética entre a regularidade e a singularidade que estou falando, é uma dialética importante que não deve ser perdida de vista. Portanto, é possível você ter uma análise sofisticada, aprofundada, de um conjunto grande, acho que há que se criar métodos para isso. Criei um que foi absolutamente intuitivo para resolver o problema da minha tese.

Não voltei a fazer uma coisa desse tipo, mas imagino que hoje as tecnologias e os trabalhos de prosopografia devem ser um caminho para esse tipo de coisa, as tecnologias nos ajudam nesse sentido. Certamente é possível pensar em programas e questões que ajudem você. Claro que eles não resolvem a análise, mas diminuem esse trabalho insano que eu tive de sistematizar na mão.

Para os meus alunos, muita coisa do que eu disse aqui está nas minhas orientações para eles. Tento evitar um certo modelo, depende muito do que o aluno está pesquisando, do quanto a história oral é central ou não no trabalho dele. Embora tenha usado muita história oral, não sou alguém que fez só história oral, sempre articulei. Meus alunos também. Isso não é nenhum preconceito, acho que dá para fazer um bom trabalho só usando história oral. Eu que não fiz e não tive ainda a oportunidade de ter um aluno que se fosse só história oral, acho que tem a ver com o meu perfil. As pessoas que me buscam, às vezes estão pensando em fazer coisas semelhantes ao que eu fiz, se inspiram de alguma forma. Mas muito do que eu disse aqui de formação de redes, de criação de empatia, de tentar despertar algum tipo de sensibilidade na hora da entrevista e um pouco essa literatura que me formou, somada com as coisas que já teve aqui no Brasil (agora ampliou-se muito esse campo, tem a Associação Brasileira de História Oral), são um pouco os caminhos que eu aponto para eles no uso da história oral. Tem gente que faz um caminho muito similar ao meu.

Acabei de ter uma aluna que defendeu um mestrado que é um caminho um pouco diferente, muito interessante. Ela fez uma análise sobre as mulheres canavieiras em



Entrevista com Paulo Fontes

Valéria Barbosa de Magalhães

Guariba, nos anos 1970. Ela usa muito as entrevistas de mulheres hoje. A maioria migrantes, não necessariamente do Nordeste, mas muitas do Nordeste. A discussão de gênero e história oral que ela fez, acho incrível, ela conseguiu fazer uma coisa que foi muito além do que eu esperava e do que eu mesmo poderia fazer. Aprendi muito. Aquele trabalho legal que você orienta e você aprende, da Júlia Chequer. Ela foi um misto de jornalista de formação, é interessante esse percurso dela. Nesse caso, foi um misto de uma certa intuitividade com uma certa literatura e com a necessidade. A necessidade funciona muito, você tem a chance de entrevistar aquelas pessoas que estão ali, se a pessoa tem uma certa sensibilidade para o ofício, alguma coisa boa sai.

Valéria. A última pergunta seria sobre o papel da história oral nos estudos migratórios...

Paulo. Sou suspeito para dizer... Para estudar migração, apesar de eu não ser historiador oral (não sei se existe esse termo), não teria feito o trabalho que fiz sem a história oral. Ela foi absolutamente central para perceber as nuances, as estruturas de sentimentos que estão envolvidas na questão da migração. Tem vários campos que vão além do racional que só uma boa interpretação da história oral dá. Não é que você bota o gravador na frente da pessoa e isso vai cair do céu, embora eu mesmo fiz questão de dizer aqui que muito tem de intuitivo, mas não é só isso obviamente. Especialmente na análise, como também fiz questão de frisar, estar sensível, estar capacitado, instrumentalizado para esse tipo de coisa é fundamental.

A história oral é absolutamente central para você pegar pessoas, trabalhadores, trabalhadoras, muitos deles com pouca escolaridade, que vêm de uma cultura em que a oralidade é uma coisa importante. A grande maioria dos meus entrevistados eram pessoas que gostavam de contar as coisas e que sabiam contar. Talvez seja esse o meu fascínio de querer ouvi-las, elas são uma espécie de Sherazade. Isso era absolutamente fascinante, absolutamente incrível e até emocionante em vários momentos.



Entrevista com Paulo Fontes
Valéria Barbosa de Magalhães

Continuo achando que a história oral é importantíssima nos estudos das migrações. No meu livro, falo um pouco disso. O deslocamento é um momento tão fundamental na vida dessas pessoas, que é lembrado, inventado, reinventado, relembado pelo resto da vida. Tocar nesse nó, abre um campo de histórias e possibilidades na memória dessas pessoas que é incrível e que só a história oral é capaz de permitir.

Valéria. Muito obrigada.

Referências

Alberti, Verena. **Manual de História Oral**. 3 Ed. - Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Fontes, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

Fontes, Paulo. **Migration and the Making of Industrial São Paulo**. Durham: Duke University Press, 2016.

Fontes, Paulo. História Oral e história social do trabalho: Os migrantes nordestinos em São Paulo entre os anos 1940 e 60. *In: Gomes, Ângela Castro (Org.). História oral e historiografia: Questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 81-105.

James, Daniel. **Doña Maria's Story: Life History, Memory, and Political Identity**. Durham: Duke University Press, 2000.

Perks, Roberto & Thomson, Alistair (Ed.). **The Oral History Reader**. New York: Routledge, 1998.